

# A cavalaria na baixa Idade Média: declínio ou transformação?

Chivalry in the late Middle Ages: decline or change?

Ives Leocelso Silva Costa\*

## Resumo

A Cavalaria é uma instituição medieval complexa e multifacetada, representada pelo guerreiro aristocrático a cavalo, mas que não se limita a ele, possuindo elementos sociais, culturais e políticos. Sua *raison d'être*, porém, estava na guerra e nos feitos de armas, razão pela qual as transformações militares do século XIV, quando ela passou a ser repetidamente desafiada por soldados de infantaria, levaram diversos historiadores a considerá-lo um marco de seu declínio. A tese do declínio da Cavalaria na Baixa Idade Média estabeleceu-se com força de paradigma ao longo do século XX, até que uma corrente revisionista começou a ganhar fôlego a partir de metade da década de 1970, argumentando que a Cavalaria não havia decaído, somente se modificado, e que permaneceria relevante mesmo após o século XV. Neste artigo, centrado na análise da Cavalaria nos reinos da França e da Inglaterra, examinaremos as diferentes vertentes historiográficas, além de fontes documentais selecionadas, e ofereceremos nossa contribuição para o debate.

Palavras-chave: Cavalaria; Baixa Idade Média; Historiografia.

## Abstract

Chivalry is a complex and multifaceted medieval institution, represented by the aristocratic warrior on horseback, but not limited to him, having social, cultural and political elements. Its *raison d'être*, however, was in war and in the deeds of arms, the reason why the military changes of the 14th century, when cavalry started to be repeatedly challenged by infantrymen, led several historians to consider it a landmark of its decline. The thesis of the decline of Chivalry in the Late Middle Ages was established with the strength of a paradigm throughout the 20th century, until a revisionist current began to gain momentum from the mid-1970s on, arguing that Chivalry had not declined, it had only modified itself, and that it would remain relevant even after the 15th century. In this article, centered on the analysis of Chivalry in the kingdoms of France and England, we will examine the different historiographic strands, in addition to selected document sources, and offer our contribution to the debate.

Keywords: Chivalry; Late Middle Ages; Historiography

\* Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: ivesleocelso@gmail.com.

## Introdução

Ó, vós, Cavaleiros da Inglaterra, onde está o costume e a prática da Cavalaria que eram usados naqueles dias? O que vós fazeis agora além de ir para banhos e jogar dados? E alguns não vivem de modo decente e honesto, contrário a toda ordem de Cavalaria. Abandonai isto, abandonai-o! E lede os volumes do Santo Graal, de Lancelot, de Galahad... de Gawain... Lá vereis masculinidade, cortesia e gentileza. E olhai em dias mais próximos para os atos nobres desde a Conquista; como nos dias do Rei Ricardo Coração de Leão; de Eduardo I e III e seus nobres filhos; de Sir Robert Knowles, Sir John Hawkwood, Sir John Chandos... Lede Froissart! E também contemplai o vitorioso e nobre Rei Henrique V e os capitães sob ele; seus nobres irmãos, Montagu, o Conde de Salisbury, e muitos outros cujos nomes brilham gloriosamente por seus atos virtuosos e nobres (CAXTON *apud* KEEN, 1990, p. 516).<sup>1 2</sup>

O autor da conclamação acima foi William Caxton (1422-1491), burguês, mercador e editor, responsável pela introdução da imprensa na Inglaterra. Ela se destinava ao Rei Ricardo III (1452-1485), último rei inglês da Casa de York, que reinou por dois anos antes de ser destronado por Henrique Tudor na Batalha de Bosworth, ao final das Guerras das Rosas.

Percebe-se na fala de Caxton que o apelo à Cavalaria ainda era uma tema poderoso ao final do século XV, época na qual os guerreiros ingleses haviam há muito abandonado o combate a cavalo e em que a artilharia de campo já era uma força consolidada, o que aumentava a violência e a cruzeza da guerra. Os soldados profissionais que haviam emergido no século XIV, eram então o principal componente dos exércitos: arqueiros e infantes (alabardeiros, piqueiros), homens de origem humilde, que ignoravam os códigos de conduta Cavaleiresca. Por outro lado, o apelo nostálgico a uma “Era de Ouro” da Cavalaria serve de argumento para o declínio da mesma, afinal os Cavaleiros contemporâneos a Caxton pareciam dados ao ócio, ao lazer e aos vícios, esquecendo as virtudes de seus ancestrais.

Ao examinar o texto de Caxton, percebe-se que a Cavalaria ideal se encontra em dois lugares: na literatura e no passado. Os romances arturianos continuavam exercendo uma grande atração no século XV (Caxton foi o editor de *Le Mort d'Arthur* de Sir Thomas Mallory), como o fizeram desde o século XII, quando Chrétien de Troyes cunhou a maior parte de seus motivos e deu forma a seus personagens. Neles, Caxton enxerga um modelo para os valores Cavaleirescos. Mas é a referência de Caxton à história da Cavalaria que chama mais atenção.

A inclusão de Ricardo I é compreensível, uma vez que o Rei-Cruzado foi objeto de baladas e lendas ainda em vida (SAUL, 2008, p. 88), e nas guerras de Eduardo I contra a Escócia

---

<sup>1</sup> Utilizamos neste artigo diversas citações de obras em língua estrangeira. Para facilitar a compreensão do leitor, optamos por traduzi-las.

<sup>2</sup> Na grafia do vocábulo Cavalaria e de seus derivados, nos inspiramos na escolha da historiadora Néri de Barros Almeida durante a tradução de *A Cavalaria* (2010) de Dominique Barthélemy. Distinguimos, portanto, Cavalaria (inglês: *chivalry*; francês: *chevalerie*) de cavalaria (inglês: *cavalry*; francês: *cavalerie*); a primeira tem conotação aristocrática e honorífica, a segunda denota apenas um grupo de soldados montados.

e Gales a cavalaria pesada ainda era tida como dominante no campo de batalha (além disso, a reivindicação de Eduardo de suserania sobre a Escócia se baseava em sua herança do Rei Artur como rei de toda a Britânia) (HONEYWELL, 2006, p. 177). Mas no reino de Eduardo III, quando se inicia a Guerra dos Cem Anos, os Cavaleiros passaram a lutar desmontados cada vez mais e os arqueiros foram o fator essencial na maioria de suas vitórias (SUMPTION, 1999, p. 245). Segundo Jean Flori (2017, p. 210):

Se nos restringirmos ao sentido militar da palavra “cavalaria”, defini-la-emos essencialmente como um grupo profissional, o dos guerreiros de elite, atacando impetuosamente, de lança ou espada em punho, em todos os campos de batalha da Europa medieval: a cavalaria pesada, rainha das batalhas do século XI ao XIV, antes que o progresso dos arqueiros e, mais tarde, da artilharia viessem arruinar-lhe a supremacia e relegá-la à categoria de vestígio prestigioso de tempos heroicos e veneráveis.

O raciocínio de Flori encontra respaldo em diversos historiadores da Baixa Idade Média. Contudo, quando Caxton faz seu apelo à Cavalaria, ele não se refere às virtudes ou ao comportamento Cavaleiresco em abstrato, num meio cortês ou civil, mas à sua proeza militar. Isto é perceptível entre os nomes que elenca: Sir Robert Knolles e Sir John Chandos foram Cavaleiros de origem relativamente simples, dos baixos escalões da aristocracia, que alcançaram o comando por sua habilidade com as armas; já Sir John Hawkwood foi o infame capitão da Companhia Branca, um grupo de mercenários que fez fortuna lutando nas guerras entre as cidades italianas (CONTAMINE, 1998, p. 159). Os três atuaram na metade do século XIV, mas os últimos nomes que Caxton evoca foram guerreiros do século XV. O Rei Henrique V e o Conde de Salisbury alcançaram fama com a vitória na Batalha de Agincourt (1415), um confronto sangrento em que os únicos a combaterem a cavalo foram os derrotados franceses (BARKER, 2009, p. 321-367). Isto leva à pergunta: se, em um sentido bélico, Henrique V obteve triunfo sobre a Cavalaria, como pode ser ele considerado um luminar da Cavalaria? Talvez pudesse ser argumentado que a Cavalaria inglesa fosse diferente da francesa, e que os franceses desprezassem a maneira como seus rivais obtiveram a vitória. Porém, não é isso que se observa nas fontes. Na obra de Jean Froissart, por exemplo, que Caxton urge que seus contemporâneos leiam, os ingleses recebem elogios constantes e a Cavalaria, de modo geral, se apresenta como o elo em comum da aristocracia de diversos reinos da Cristandade (FROISSART, 1968, *passim*).

Para resolver esta aparente contradição, faremos uma análise sobre a ideia de declínio da Cavalaria a partir do século XIV na historiografia medievalista – visão que foi dominante até a década de 1970 e cuja influência ainda é notada.

## A tese do declínio da Cavalaria no século XIV

O renomado historiador holandês Johan Huizinga, profundamente influente na História Cultural, foi um dos promotores da pesquisa sobre a Cavalaria durante a década de 1920. Huizinga (1959, p. 196-197) afirmava que os medievalistas de sua época estavam tão preocupados com questões econômicas e sociais que quase se havia esquecido que “[...] junto à religião, a Cavalaria era a mais forte das ideias que preenchiam os corações daqueles homens de outra era”.

Entretanto, Huizinga também foi o grande propagador da ideia do declínio da Cavalaria na Baixa Idade Média. Para o autor de *O Outono da Idade Média*:

O que quer que a Cavalaria possa ter sido na época das Cruzadas, hoje geralmente se concorda que nos séculos XIV ou XV ela não era nada mais que uma revivência deveras artificial de coisas há muito mortas, uma espécie de renascimento deliberado e insincero de ideias esgotadas de qualquer valor real (HUIZINGA, 1959, p. 197).

Esta crítica mordaz foi retomada e aprofundada pelo historiador norte-americano Raymond Kilgour, que, escrevendo na década de 1930, afirmou que:

A Cavalaria passou por três estágios de desenvolvimento: a era da superioridade, a era do privilégio e a era da vaidade. Sua primeira era heroica alcançou a extraordinária fusão de glória militar com fervor religioso. Com o enfraquecimento gradual dessas grandes forças propulsoras, a Cavalaria ficou contente em descansar sob seus louros, elaborando seus padrões de cortesia e galanteria. O final do período nos mostra uma Cavalaria dedicada à exibição louca, exagerada, como se para esconder sua impotência e seus vícios sórdidos sob armaduras douradas e seda florida (KILGOUR, 1937, p.3).

Percebe-se um tom mais claramente moralizante e conservador na terminologia empregada por Kilgour e em sua apreciação pela “glória militar” e o “fervor religioso” do tempo das Cruzadas, mas ambos os autores concordam que a Cavalaria no baixo medievo havia se tornado apenas uma fachada de opulência e ostentação completamente divorciada da realidade da guerra – sua função original. A Cavalaria teria então se transformado em um mero passatempo lúdico da aristocracia ociosa, uma forma de se agarrar a seu prestígio decrescente diante da ascensão da burguesia. A coragem, a honra e a proeza guerreira seriam apenas lembranças de uma “Era de Ouro” há muito decorrida.

Este motivo da “Cavalaria decadente” dos séculos XIV e XV se tornou recorrente na medievalística, tendo se tornado quase um paradigma, especialmente entre historiadores da Europa continental. Franco Cardini (1997, p. 92), por exemplo, considera que:

Os séculos XII e XIII, tradicionalmente considerados o ápice da era Cavaleiresca da Idade Média europeia, sem dúvida sinalizaram o triunfo da Ordem da Cavalaria. Poetas, autores de tratados, até mesmo teólogos e hagiógrafos parecem não falar de outra coisa; cronistas e pintores refletem o brilhante esplendor da cerimônia de adubamento; altos nobres e até mesmo grandes monarcas, de Ricardo, Coração de

Leão, a São Luís, negligenciaram seus títulos gloriosos para portar o simples título de Cavaleiro. Era um título cobiçado por estratos sociais em ascensão, pelos novos ricos das sociedades urbanas – a *gente nova* – em particular.

Porém, “no século XIV, entretanto [...], a Ordem da Cavalaria estava sendo redefinida como uma distinção social e em crise enquanto força militar” (CARDINI, 1997, p. 96-97). O autor prossegue:

No mundo real, a Ordem da Cavalaria havia se tornado uma coisa de fato lamentável – uma série de paramentos exteriores que podiam ser comprados e vendidos; um instrumento de promoção social; um agrupamento incoerente de guerreiros presunçosamente orgulhosos de sua posição, mas sem dispor de meios e em contínua busca por formas de ganhar a vida (CARDINI, 1997, p. 106).

E arremata que “com o século XIV, as armas de fogo deram o golpe mortal na utilidade militar e no prestígio moral dos combatentes a cavalo” (CARDINI, 1997, p. 108).

Jean Flori, por sua vez, ao tratar dos torneios da Baixa Idade Média, afirma que “a proeza torna-se mais individual, mais teatral, e os grandes torneios ‘flamejantes’ dos séculos XIV e XV tomam rumos suntuários: a nobreza procura neles se afirmar, tranquilizar e distrair ante a crescente ameaça econômica e social da burguesia” (FLORI, 2017, p. 222). A ideia se repete em Jérôme Baschet (2006, p. 255), para quem os torneios do século XV seriam “[...] verdadeiras cerimônias de autocelebração, com fausto crescente, pelas quais os nobres procuram se distinguir da elite camponesa e dos cidadãos enriquecidos [...]”.

O próprio Georges Duby, ao final de sua obra sobre Guilherme Marechal, afirma que:

Ele podia caminhar em paz para a morte, orgulhando-se de ter sido o instrumento do derradeiro, tão fugidio, tão anacrônico triunfo da honra sobre o dinheiro, da lealdade contra o Estado - orgulhando-se de ter levado a cavalaria à plenitude. Mas a cavalaria estava acabada desde pelo menos duas décadas, e o próprio Guilherme já não passava de uma forma residual, de relíquia. Ela e ele, em 1219, praticamente só serviam para opor, às asperezas do real, a tela enganosa e tranqüilizante dessas vanidades com que cada homem, naquele momento e na alta sociedade, alimentava em seu coração uma nostalgia lancinante (DUBY, 1988, p. 211).

Duby chega a ser mais radical que os historiadores até agora mencionados ao enxergar o declínio da Cavalaria já no início do século XIII, mas em todos é possível ver ecos do que Huizinga e Kilgour já pregavam na primeira metade do século XX: antes que a Idade Média chegasse a termo, a Cavalaria já não passava de uma relíquia de tempos passados, desprovida de valor militar e social e moralmente decaída. Em que, no entanto, se basearam estes autores para chegar a esta conclusão? Teria sido o baixo medievo de fato uma “era da vaidade” da Cavalaria?

Em primeiro lugar, é necessário observar que no século XIX o Romantismo fez surgir uma apreciação entre a aristocracia europeia pelas narrativas Cavaleirescas. Foi aí que muitas

concepções sobre o “cavalheirismo” se desenvolveram, especialmente entre os *gentlemen* ingleses – ávidos leitores de Sir Walter Scott, considerado o pai do romance histórico – e que floresceu a ideia de uma Idade Média resplandecente, povoada por castelos misteriosos, florestas ancestrais, Cavaleiros honrados e belas damas; que deve mais à literatura arturiana que ao passado real (GIROUARD, 1981, *passim*). O sonho da Cavalaria ajudou a encorajar jovens soldados a se alistarem para lutar na I Guerra Mundial, quando “o horror das trincheiras e a repulsa generalizada da ideia de combate glorioso contribuíram muito para desacreditar a Cavalaria aos olhos do público” (HONEYWELL, 2006, p. 24). A percepção da brutalidade da Grande Guerra pode ter contribuído para o desencantamento dos historiadores com a Cavalaria dos séculos XIV e XV.

Por outro lado, Huizinga e Kilgour, bem como os medievalistas posteriores, fizeram usos de diversas fontes para embasar seus argumentos, entre cronistas, poetas e tratadistas; fontes que, como William Caxton, condenavam o enfraquecimento dos ideais Cavaleirescos, o abandono de suas boas práticas e a perda da honra e do vigor guerreiro em troca da perseguição de prazeres mundanos. Denúncias como esta também são encontradas entre os franceses após a derrota em Agincourt, no início do século XV. É o que se observa na poesia de Carlos, Duque de Orléans (1394-1465), que sobreviveu à batalha, mas foi feito prisioneiro e passou vinte e quatro anos cativo dos ingleses. Juliet Barker (2009, p. 410) destaca o seu poema *Complainte*, no qual:

[...] ele analisa as causas da derrota francesa em Agincourt e lamenta que a França, que antes fora um modelo para todas as demais nações pela sua honra, lealdade, cortesia e bravura, houvesse afundado no orgulho, na letargia, lascívia e injustiça. Ele instava seus compatriotas a retomar as virtudes que outrora haviam inspirado seus grandes heróis cristãos, Carlos Magno, Roland, Oliver e St. Louis, de modo que os santos lhes perdoassem e mais uma vez se unissem à sua causa.

Em relação ao século XIV, Craig Taylor (2009, p. 75), historiador da Cavalaria na Guerra dos Cem Anos, revela que:

François de Monte-Belluna expressou profunda revolta com o fracasso da aristocracia francesa no campo de batalha de Poitiers em 1356, enquanto um frei Carmelita, talvez Jean de Venette, expandiu sobre esta crítica de uma aristocracia francesa decadente e fraca ao destacar sua falha em proteger o povo não só dos ingleses, mas também dos soldados saqueadores, assaltantes e ladrões que atacavam viajantes e camponeses indefesos.

A falha da aristocracia era, nesse sentido, uma falha da Cavalaria. Do mesmo modo, no período após a derrota em Crécy (1346), o rei João II da França (1350-1364) escreveu que:

[...] alguns dos membros desta ordem [da Cavalaria], desacostumados às armas e privados de exercícios, ou por outra causa por nós desconhecida, têm se atirado imoderadamente na ociosidade e na vaidade da época, ao desprezo da honra, lamentavelmente, e de seu bom renome, para diminuir sua alegria de coração em troca do conforto de suas pessoas (*apud* BOULTON, 1987, p. 196).

A fala do rei da França nos permite pensar que a Cavalaria do século XIV havia realmente entrado em uma “era da vaidade”. Adicionalmente, o Cavaleiro Godofredo de Charny, leal súdito de João II, denuncia na mesma época os cavaleiros que desperdiçam fortunas no jogo de dados, que agem covardemente e que cometem roubos nas estradas, assassinatos, saques e que espoliam as igrejas e suas propriedades (KAEUPER, 1996, p. 113, 127, 179).

Observada em isolamento, a documentação dos séculos XIV e XV de fato transmite uma ideia de decadência em relação aos séculos anteriores. Entretanto, um fator essencial precisa ser ressaltado: o lamento pela Cavalaria perdida não é algo exclusivo da Baixa Idade Média, mas é tão antigo quanto a própria Cavalaria. Este ponto foi ressaltado por uma série de medievalistas que, a partir da metade da década de 1970, trabalharam para desconstruir a tese do declínio. Entre eles destacamos Philippe Contamine, voz solitária na França, autor do artigo *Points de Vue sur la Chevalerie em France a la Fin du Moyen Age* (1976), Malcolm Vale, autor de *War and Chivalry* (1981) e Maurice Keen com seu *magnum opus Chivalry* (1984). Desde então é no mundo anglo-saxônico que predomina o estudo da Cavalaria na Baixa Idade Média (AGUIAR, 2016, p. 17).

De acordo com Contamine (1998, p. 259), “o tema do declínio da Cavalaria, do enfraquecimento de guerreiros e de povos, pode ser encontrado nos escritos de autores leigos ou, talvez ainda mais, entre clérigos, em quase toda época”. É o que também defende Keen (1984, p. 234): “os críticos da Baixa Idade Média não adotaram um tema novo, eles martelaram um antigo, pois a Cavalaria sempre esteve ciente de que estava em guerra com uma imagem distorcida de si própria”.

É, portanto, fundamental para a tese de declínio de Huizinga e Kilgour a crença de que, diferente de suas contrapartes do século XIV, os Cavaleiros dos séculos XI e XII eram legítimos representantes das virtudes Cavaleirescas; contudo as fontes da época tendem a indicar o contrário. Em seu estudo sobre a Cavalaria, Dominique Barthélemy (2010, p. 559-560, 573-574) menciona as duras críticas aos Cavaleiros encontradas nos textos de João de Salisbury (1159), Estêvão de Fougères (1175) e Pedro de Blois (1183). Também no século XII, escrevendo sobre a corte do Duque da Normandia, Orderico Vital, afirma em sua *História Eclesiástica* que:

Após a morte do Papa Gregório (1085), de Guilherme, o Bastardo, (1087) e de outros príncipes religiosos, os hábitos honestos de nossos ancestrais foram quase inteiramente abolidos nas terras ocidentais. Eles haviam portado vestimentas modestas, bem ajustadas às formas do corpo. Eles eram tão hábeis na equitação e na corrida, e em tudo o que a razão levava a fazer. Mas, nos nossos dias, os usos dos antigos foram quase todos substituídos por novas invenções. A juventude petulante adota a moleza feminina; os homens de corte se estudam para agradar às mulheres por meio de todas as formas de lascívia. Eles colocam nas articulações dos pés, onde termina o corpo, a imagem do rabo de cobras que, como escorpiões, ferem os olhos. A borda supérflua de suas vestes e mantos varre a terra; eles cobrem as mãos, não importa o que façam, com longas e largas mangas e, ocupados dessas superfluidades, eles não podem nem andar prontamente, nem fazer nada de útil. Têm o rosto barbeado como os ladrões, e trazem

longas cabeleiras atrás da cabeça, como prostitutas (*apud* BARTHÉLEMY, 2010, p. 258-259).

Observa-se neste excerto que o declínio da Cavalaria está em evidência – os bons costumes do passado foram abandonados; a habilidade e o vigor foram trocados pela moleza e a lascívia; e os jovens, esquecidos da honra, assemelham-se mais a ladrões e prostitutas do que Cavaleiros. O gosto por roupas, luxos e ornamentos se faz presente nos meios Cavaleirescos em plena “Era de Ouro” da Cavalaria.

Mas talvez a crítica mais retumbante à Cavalaria no século XII parta de Bernardo de Claraval em seu *Elogio à Nova Milícia*, escrito provavelmente entre 1120 e 1136, em defesa dos Cavaleiros Templários, recém-instituídos. Sobre a “milícia secular”, ele diz:

O que então, ó Cavaleiros, é este erro monstruoso e o que é este impulso insuportável que os compele a lutar com tanta pompa e esforço, e tudo sem outro propósito além da morte e do pecado? Vocês cobrem seus cavalos com seda e plumas, sua armadura com eu não sei que tipo de trapos; vocês pintam seus escudos e suas selas; vocês adornam seus bridões e esporas com ouro e prata e pedras preciosas, e então em toda esta glória vocês avançam para sua ruína com ira temerosa e tolice destemida. São estes os paramentos de um guerreiro ou não são na verdade os enfeites de uma mulher? Vocês pensam que as espadas de seus inimigos serão rebatidas por seu ouro, que pouparão suas joias ou que serão incapazes de perfurar suas sedas? Como vocês certamente já experimentaram com frequência, um guerreiro precisa especialmente destas três coisas – ele deve guardar sua pessoa com força, sagacidade e cuidado; ele deve ser livre em seus movimentos e deve ser rápido em sacar sua espada. Então por que vocês se cegam com cachos afeminados e se fazem tropeçar com túnicas longas e amplas, enterrando suas mãos macias e delicadas em grandes mangas pesadas? Acima de tudo, existe aquela terrível insegurança de consciência, a despeito de toda a sua armadura, desde que vocês ousaram assumir um ofício tão perigoso sobre uma base tão débil e frívola. O que mais é a causa das guerras e a raiz das disputas entre vocês, exceto rompantes de raiva insensatos, a sede por glória vazia ou o desejo por algumas posses terrenas? Certamente não é seguro matar ou ser morto por causas como estas (CLARAVAL, 1996, p. 3).

Os Cavaleiros despontam não apenas como vaidosos e afeminados, assim como em Orderico Vital, mas também como maus cristãos e fracos guerreiros, envolvidos em guerras frívolas, motivadas pelo destempero, à procura recompensas ignóbeis. Faltava-lhes dureza e espírito de combate – diagnóstico não muito diferente daquele feito por João II no século XIV.

Diante do exposto, acreditamos ser evidente que a Cavalaria, seja em qual época for, jamais tenha vivido em pleno acordo com os ideais que lhes eram atribuídos, mostrando-se bem diferente da idealização que faziam a seu respeito nas canções e nos romances. Contudo, é importante ressaltar que, na Baixa Idade Média, segundo Maurice Keen (1984, p. 237):

Não houve real perda de confiança nos valores Cavaleirescos: os mesmos homens que denunciavam os crimes de Cavaleiros contemporâneos não clamavam pelo abandono dos modos

Cavaleirescos, mas apelavam ao exemplo do passado Cavaleiresco em oferecer o padrão para reforma.

Desta forma, William Caxton, Carlos de Orléans, João II da França, Godofredo de Charny e tantas outras figuras da Baixa Idade Média, pretendiam com suas críticas reformar a Cavalaria para que ela pudesse estar à altura de seu glorioso passado; contudo este passado não é o passado histórico, real, mas sim aquilo que Keen (1984, p. 102 *et seq.*) denomina “Mitologia Histórica da Cavalaria”, uma mistura de tradição bíblica e reinterpretação do passado greco-romano entremeada a canções de gesta, poemas, narrativas lendárias e semi-lendárias e crônicas de Cavalaria. Esta Cultura Cavaleiresca permaneceu uma força vital para a aristocracia mesmo além do século XV. Por outro lado, segundo Taylor (2009, p. 76-77) a intenção destes reformadores era promover a disciplina militar e a unidade da Cavalaria sob a liderança dos reis. De acordo com o mesmo:

As culturas de Cavalaria francesas estavam sendo reformuladas e desenvolvidas de maneiras originais, respondendo não só à crise militar, mas também às mudanças mais amplas na leitura e na posse de livros, assim como às renegociações e redefinições sociais fundamentais dentro dos contextos aristocrático, gentílico e urbano (TAYLOR, 2009, p. 84).

Existia, portanto, um complexo embate entre inovação e conservadorismo na escrita dos debatedores da Cavalaria da Baixa Idade Média. Mudanças eram promovidas sob uma roupagem tradicionalista, buscando alicerces no passado – real ou imaginado. Para que as novidades fossem aceitas elas precisavam se integrar à ordem vigente, jamais romper com ela.

Há ainda outros pontos a serem discutidos em relação ao declínio da Cavalaria: sua suposta perda de eficácia militar a partir do século XIV, mencionada por Jean Flori e Franco Cardini, identificada com o crescimento da importância da infantaria e com o desenvolvimento da artilharia, por um lado, e com a suntuosidade dos torneios e seu progressivo distanciamento da realidade das batalhas, por outro. Dada a importância destes temas, nos deteremos sobre eles a seguir.

#### **A “revolução militar” do século XIV**

A “Revolução Militar” é um tema bastante discutido pela História Moderna desde a segunda metade do século XX, com implicações sobre o papel da cavalaria no fim do período medieval. O conceito de Revolução Militar foi criado por Michael Roberts em *The Military Revolution, 1560-1660* (1956), no qual argumentou que o desenvolvimento dos exércitos modernos, formados por tropas de infantaria portando armas de fogo, levou a um aumento expressivo do número de tropas e das demandas de treinamento, suprimento e custeio. Para Roberts, os exércitos holandeses de Maurício de Nassau e, especialmente, aqueles do Rei

Gustavo Adolfo da Suécia, um dos generais mais proeminentes da Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), formaram a vanguarda desta Revolução (ROBERTS, 1967, *passim*).

A tese de Roberts foi muito bem recebida. Um de seus continuadores mais expressivos foi Geoffrey Parker, autor de *The Military Revolution: Military Innovation and the Rise of the West, 1500-1800* (1988). Parker foi crítico de Roberts por ter dado ênfase demasiada à experiência sueca e desconsiderado os aprimoramentos franceses e espanhóis e retrocede o início da Revolução Militar para os anos finais do século XV, período das Guerras Italianas de Carlos VIII (1494-1498). Parker também destacou o desenvolvimento da artilharia, de campo e de cerco, e das técnicas de fortificação como elementos causadores da Revolução. Entretanto, ele concordou com a premissa básica de Roberts da Revolução Militar como evento transformador das sociedades europeias, afirmando que foi graças a ela que suas diminutas nações formaram impérios globais (PARKER, 1996, *passim*).

Inserindo-se nesta discussão, o historiador norte-americano Clifford J. Rogers publicou o artigo *The Military Revolutions of the Hundred Years' War* no *Journal of Military History* em 1993. Nele, Rogers propõe um reposicionamento do período de início da Revolução Militar para o século XIV, quando teria ocorrido uma Revolução da Infantaria, responsável por tornar a cavalaria pesada ultrapassada. É nos seguintes termos que Rogers (1993, p. 243-244) diferencia os exércitos medievais dos exércitos modernos:

Os exércitos que dominaram os campos de batalha da Europa da metade do século XI ao início do século XIV eram compostos primariamente por guerreiros-aristocratas feudais, que deviam serviço militar por terras detidas em feudo. Eles serviam como cavalaria de armadura pesada, combatentes de choque que dependiam da força muscular de homem e garanhão, aplicada diretamente na ponta de uma lança ou no gume de uma espada. Eles lutavam com mais frequência para capturar que para matar. Os exércitos que conquistaram os primeiros impérios globais da Europa, por outro lado, diferiam dessa descrição em cada um de seus aspectos. Eles eram retirados da população comum (apesar de frequentemente liderados por aristocratas); eles serviam mediante pagamento; eles lutavam primariamente a pé, em formações lineares cerradas que dependiam mais do disparo de projéteis que da ação de choque; e eles lutavam para matar.

Esta descrição peca por excesso de simplificação. Os extremos apresentados por Rogers são muito mais categorias representativas do que uma descrição factual das realidades militares dos períodos medieval e moderno. Na verdade, a caracterização que ele faz dos exércitos medievais se assemelha muito à de Sir Charles Oman (1885, p. 49-61), autor de *The Art of War in the Middle Ages* (1885), um dos maiores propagadores da ideia de supremacia militar da cavalaria feudal. Rogers oculta, como fez Oman, o fato de que contingentes de soldados a pé sempre estiveram presentes nos exércitos medievais. Afinal, numa época em que o controle de pontos fortes – castelos, torres de guarda, fortalezas e cidades muradas – determinava o domínio sobre o território, os cercos eram essenciais para a guerra, mais até mesmo do que as batalhas campais; e durante os cercos, o grosso das operações – tais como

as escavações para minar as muralhas, as escaladas, os ataques aos portões com aríetes, e a operação das máquinas (catapultas, manganelas, *trébuchets* e, na Baixa Idade Média, canhões) – era conduzido pela infantaria (GARCÍA FITZ, 1998, p. 50-60).

Às vésperas da Guerra dos Cem Anos, a infantaria havia feito bastante progresso, e unidades disciplinadas se mostravam capazes de resistir aos ataques de guerreiros montados. Além disso, o arco longo, arma característica dos ingleses, demonstrava grande eficácia contra cargas de cavalaria. Ao final do século XIV, havia se tornado comum os Cavaleiros desmontarem para entrar em combate e os canhões – cada vez maiores e mais poderosos – mudavam a dinâmica dos cercos. Ao longo do século XV a artilharia se desenvolveu cada vez mais, sendo vital para a vitória final dos franceses na Batalha de Castillon (1453). Acreditamos, contudo, em concordância com Helen Nicholson (2004, p. 166), que é preferível falar em evolução a revolução, uma vez que tais desenvolvimentos foram lentos e graduais, se estendendo para além do medievo.

É verdade que o novo profissionalismo dos exércitos, integrados por uma proporção cada vez maior de homens comuns, transformou em parte a antiga ética Cavaleiresca, que valorizava a captura mais do que a morte do inimigo e na qual a forma da ação era muitas vezes mais estimada que o seu resultado. Os elementos técnicos da nova forma de guerra que se consolidou no século XV aumentaram por si mesmos o grau de mortandade, como Rogers (1993, p. 257) observou:

Piques e arcos longos, por sua própria natureza, tem a intenção de matar um oponente antes que ele possa chegar a uma distância de ataque do manejador, e é difícil oferecer ou aceitar uma rendição pessoal à distância. O valor do pique, além disso, residia inteiramente em seu uso em uma formação cerrada e, mais uma vez, teria sido impossível tomar prisioneiros sem quebrar a formação. Alabardas, *goedendags* e foices de guerra, é verdade, não mantinham o inimigo a tal distância. Elas são, contudo, armas pesadas e difíceis de manejar. Desta forma, um alabardeiro precisa tentar abater seu inimigo com seu primeiro golpe, pois é improvável que irá conseguir aplicar um segundo; e um golpe de alabarda com força total dificilmente deixará a pessoa atingida em condições de se render.

Mas, de qualquer maneira, as convenções Cavaleirescas que regiam a tomada de prisioneiros e o pedido de resgates só se aplicavam aos membros da aristocracia. Cavaleiros promoveram massacres rotineiros contra soldados a pé e populações camponesas em todas as épocas e a ideia de que deveriam proteger os indefesos, as mulheres, os clérigos e as propriedades da Igreja era um dos ideais Cavaleirescos mais contestados (FLORI, 2017, p. 211).

Na esfera tática, Andrew Ayton (1999, p. 187) afirma que: “no campo de batalha, cavaleiros de armadura pesada podiam desempenhar um papel decisivo, particularmente se cargas (e, talvez, retiradas fingidas) fossem bem cronometradas, realizadas de forma cerrada e disciplinada e apoiadas por infantaria ou combinadas com arqueria”. Se os Cavaleiros precisavam do suporte de outras tropas para serem bem-sucedidos, isto não foi uma modificação

da Baixa Idade Média, mas um fato muitas vezes ignorado da guerra medieval, presente mesmo na “Era de Ouro” da Cavalaria.

Escrevendo sobre a guerra na Germânia do século X, David S. Bachrach (2012, p. 224) afirma que “era a combinação de tropas montadas bem treinadas e soldados a pé que tornava os exércitos Otônidas eficazes em batalha”. Matthew Bennett, em *The Myth of the Military Supremacy of Knightly Cavalry* (1998) – texto no qual busca desconstruir não a relevância militar da Cavalaria, mas o mito “omaniano” de sua supremacia absoluta – considera que este tipo de flexibilidade tática foi essencial para as forças de todo o medievo. A infantaria tinha seu valor na defesa, e era derrotada quando atacava a cavalaria; por outro lado, a cavalaria jamais conseguia romper uma linha de infantaria que se mantivesse firme. O sucesso jazia, portanto, nas “armas combinadas” (BENNETT, 2016, *passim*). Isto também é perceptível em Francisco García Fitz em seu opúsculo *Ejércitos y Actividades Guerreras en la Edad Media Europea* (1998). Mesmo na Batalha de Hastings (1066), na qual a Cavalaria normanda venceu a tradicional infantaria pesada anglo-saxã, Guilherme I contou com o apoio crucial de arqueiros (GARCÍA FITZ, 1998, p. 66-67).

Assim sendo, Ayton (1999, p. 205) conclui que “apesar dos esforços de arqueiros e piqueiros, a emergência de poderosos exércitos baseados em infantaria em várias partes da Europa nos séculos XIV e XV não removeu o guerreiro aristocrático do campo de batalha”. Maurice Keen (1999, p. 290) expressa concordância ao afirmar que:

A cavalaria pesada não tinha perdido sua relevância no campo de batalha. A carga com a lança, na forma tradicional da Cavalaria, ainda podia nas circunstâncias certas ser uma manobra efetiva e importante. Como sempre, homens de armas montados formaram o núcleo das *compagnies d'ordonnance* do exército real francês que serviu de modelo para tantos outros [...].

É o que também defende Christopher Allmand (1988, p. 67), que relembra que o exército que Carlos VIII da França levou para a Itália em 1494 tinha pelo menos metade de seu contingente composto por cavaleiros.

Percebe-se, portanto, que a cavalaria pesada manteve sua relevância militar no século XIV e além, o que torna inadequada a ideia de uma Revolução da Infantaria. No entanto, prevalece o fato de que era comum na Guerra dos Cem Anos que os Cavaleiros lutassem a pé, como infantes. Porém, é necessário observar que isto não era novidade; são encontrados exemplos de Cavaleiros lutando desmontados nas Batalhas de Tinchebray (1106), Brémule (1119) e mesmo em Dorileia (1097), durante a Primeira Cruzada (GARCÍA FITZ, p. 67-68).

Ademais, a tese da Revolução Militar do século XIV confunde o sentido técnico-bélico do termo cavalaria com a instituição da Cavalaria medieval. Rompendo com o senso comum, consideramos que a Cavalaria deva ser vista além do cavalo. Nesta questão nos baseamos em John Barnie, um dos pioneiros na crítica à tese do declínio da Cavalaria no século XIV. Para ele, alguns elementos da Cavalaria eram imutáveis, tais como os valores de honra, fidelidade e coragem, enquanto outros se adaptavam aos tempos, como as táticas de combate e os padrões de cortesia (BARNIE, 1974, p. 86). Observa-se, desta forma, que os cronistas da Cavalaria do

século XIV, como Froissart (1968, p. 138), não medem elogios àqueles que mostraram valor lutando a pé (como João II da França em Poitiers, em 1356), destacando a coragem em não se permitir um meio de fuga. Para Andrew Ayton (1999, p. 187), foi muito mais a associação da aristocracia com o cavalo de guerra do que considerações táticas ou estratégicas o que deu proeminência ao combate montado. A posse de um bom cavalo permanecia um símbolo de *status* fortíssimo e eles eram extremamente valorizados nos torneios; entretanto, a proeza guerreira que, segundo Richard W. Kaeuper (1999, p. 130), estava no centro dos valores que regiam a Cavalaria, abraçava todas as feitos de armas, fossem montados ou não.

## Os torneios

Estabelecida, portanto, a relevância militar da Cavalaria no século XIV, passemos então aos torneios. A seu respeito, Jacques Le Goff (2011, p. 92-93) afirma que:

[...] condenados pela Igreja em 1139 e 1199, foram autorizados, mas controlados na Inglaterra por Ricardo Coração de Leão (1194), continuaram depois de um certo recuo no século XIII e, após a retirada da proibição pela Igreja em 1316, até recrudescerem nos séculos XIV, XV e ainda XVI.

Cardini (1997, p. 95-96) ressalta o caráter violento dos torneios da Idade Média Central:

Gerações inteiras de Cavaleiros foram abatidas nos torneios – talvez mais do que em batalha – o que ajudou a prevenir a dispersão da herança, mantendo assim linhagens fortes e consolidando a riqueza da família. Em batalha, o objetivo dos Cavaleiros não era matar uns aos outros, mas aprisionar os inimigos no intuito de arrecadar seu resgate. Nas justas e nos torneios incidentes letais, ao contrário, devem ter sido extraordinariamente frequentes, assim como sérias as consequências quando um Cavaleiro caía de seu cavalo a pleno galope e desmoronava sob o peso de sua armadura de ferro.

Entretanto, para os críticos da Cavalaria na Baixa Idade Média, os torneios, que deviam servir como treino para a guerra, haviam se distanciado de sua finalidade original, tornando-se meras festas de autocelebração da aristocracia guerreira. Segundo Miguel Aguiar (2016, p. 69):

Por torneio entendia-se uma competição – *mêlée* – entre duas ou mais equipas, numa área delimitada que, em casos limite, poderia incluir centenas de participantes e vários quilómetros quadrados. Começou por ser, entre os séculos XI e XIII, um evento pouco regulado e que poderia converter-se num embate extremamente violento. As justas, por seu turno, constituíam a dimensão individual destes exercícios: embora também pudessem ser disputadas entre equipas, o lugar na liça cabia apenas a dois cavaleiros de cada vez, cujo fito seria, usando uma lança, desmontar o adversário. Os feitos de armas – ou *pas d'armes* – eram geralmente combates singulares ou em pequenas equipas, e que podiam ser disputados a cavalo ou a pé, com objetivos lúdicos ou mesmo para decidir diferendos políticos, onde os defensores de uma posição estratégica enfrentavam os atacantes.

Os *pas d'armes* foram o principal alvo dos partidários de Huizinga e Kilgour, devido a seus elementos teatrais, muitas vezes com fantasias e encenações retiradas dos romances Cavaleirescos. Uma abundante quantidade de dinheiro era gasta nestes festejos, que podiam durar semanas ou até meses (KEEN, 1984, p. 203). Contudo, alguns dos maiores guerreiros do final do século XV praticavam essa forma de torneio, o que relativiza a acusação de que ela era típica de uma Cavalaria decadente. Maurice Keen (1984, p. 207), ao tratar de um dos mais célebres Cavaleiros do início do século XVI, afirma que:

Bayart ganhou sua fama como *chevalier sans peur et sans reproche* na dura luta das guerras italianas do início do século XVI. Ele fez sua estreia nas armas, porém, e primeiro chamou atenção, quando, enquanto um jovem de dezoito anos, ele aceitou o desafio do *pas d'armes* organizado pelo veterano borgonhês Claude de Vauldray em 1491 e se portou com distinção contra um Cavaleiro muito mais experiente.

Do mesmo modo, Malcolm Vale (1981, *passim*) argumenta que ao final da Idade Média os torneios ainda eram considerados a “escola de armas” dos Cavaleiros e que celebrá-los conferia um alto grau de prestígio aos príncipes. Portanto, ao que tudo indica, as justas e os torneios não eram percebidas como um reflexo do enfraquecimento da Cavalaria por aqueles que a praticavam, mas como um dos elementos fundamentais de seu estilo de vida, sendo utilizados para comemorar finais de campanha, cerimônias de adubamento, coroações, encontros diplomáticos e casamentos (BARBER; BARKER, 1989, p. 168-173). Na metade do século XIV, Godofredo de Charny (KAEUPER, 1996, p. 87), ao examinar as proezas realizadas nas justas, nos torneios e nas guerras afirmou: “pois eu mantenho que não há feitos de armas pequenos, mas apenas bons e grandes, apesar de alguns feitos de armas serem de maior valor que outros. Portanto, eu digo: aquele que faz mais, tem maior valor”.

Sobre a afirmação de que a principal função destes torneios opulentos era a de promover a diferenciação entre a nobreza e a burguesia, é importante notar que os burgueses realizavam seus próprios torneios. É o próprio Franco Cardini (2017, p. 541-542) que afirma que os comerciantes e banqueiros...

Continuavam fascinados pelo estilo cortês-cavaleiresco e ambicionavam reproduzir em seus palácios urbanos e em suas casas de campo um “gênero de vida” senhorial, do qual as insígnias heráldicas e cavaleirescas, os torneios e os brasões eram parte integrante. Mas, de outra parte, deviam cuidar de seus negócios e não pretendiam comprometê-los participando de expedições militares periódicas, comuns na época.

Pode-se afirmar, portanto, que apesar do elitismo inegável dos torneios, não eram eles, mas a prática da guerra o verdadeiro diferenciador entre nobres e burgueses. Não é por acaso que foi Maquiavel, na Itália – onde há muito as guerras eram combatidas por mercenários como Sir John Hawkwood – um dos primeiros a afirmar, em 1521, que “um homem de valor não deveria

fazer das armas uma carreira” (*apud* CONTAMINE, 1998, p. 249). Isto posto, não deixa de ser apropriado considerar o século XVI como a fase final da Cavalaria medieval.

## Conclusão

Os primeiros exércitos permanentes europeus foram criados pela monarquia Valois em torno de cavaleiros, na França do século XV, e a guerra continuava oferecendo um caminho para a riqueza e a honra para os jovens da aristocracia (CONTAMINE, 1998, p. 249). Para Keen (1999, p. 291): “a velha Cavalaria se adaptou a novos costumes, mas havia uma diferença real, claramente demonstrada em um profissionalismo mais consciente e na ênfase adicional na honra do serviço ao príncipe como o líder do bem comum”.

O fortalecimento da monarquia francesa no século XV fez, desta forma, com que os Cavaleiros perdessem cada vez mais a sua independência “feudal”, tornando-se a lealdade ao rei, e não mais ao senhor, um novo elemento preponderante do código Cavaleiresco. A nobreza guerreira se tornava o corpo de oficiais, a serviço do Estado. Já do outro lado do Canal, Nigel Saul (2008, p. 96) afirma que “a Cavalaria permaneceria um elemento crucial na prática da realeza inglesa bem adentro do século XV”. O que muda, segundo o mesmo autor, é que:

A nobreza em sentido abstrato, à qual a Cavalaria estava relacionada, não era mais principalmente identificada com a proeza marcial e com a performance de feitos corajosos. De forma crescente sua essência era encontrada no comportamento pacífico e no serviço ao Estado (SAUL, 2008, p. 99).

No aspecto estritamente militar, de acordo com Ayton (1999, p. 207), “foi somente durante o século XVI que a balança da vantagem no campo de batalha pendeu decisivamente contra a cavalaria pesada. Entre as forças para a mudança estavam armas de fogo portáteis mais eficazes e artilharia de campo”. Mesmo Flori (2005, p. 109), talvez de forma contraditória, concede que:

No fim da Idade Média, apesar do interesse novo que se tem pelas tropas de infantaria, pelos besteiros genoveses e pelos arqueiros ingleses armados com o grande arco, é fácil observar que nenhuma grande batalha foi vencida sem a contribuição notável da cavalaria. Sua função militar e mais ainda seu prestígio ideológico estão intactos e até fortalecidos. É somente com o triunfo da artilharia de pólvora e mais ainda da artilharia manual que ela declinará nesses dois planos.

Apesar dessas considerações, é importante ressaltar que durante a Guerra dos Trinta Anos, já no século XVII, devido às limitações das armas de fogo e a capacidade defensiva dos piques, muitas vezes cabia à cavalaria determinar o resultado das batalhas (PARROTT, 2012, p. 146-147). A cavalaria do século XVII se armava com carabinas (a exemplo dos cavaleiros *Ironsides*, a elite do *New Model Army* de Oliver Cromwell), mas os sabres e as lanças retornaram a partir do século XVIII. Em Waterloo (1815), a última batalha das Guerras Napoleônicas, a cavalaria francesa portava lanças de cerca de 3 metros de comprimento e cargas de cavalaria

pesada foram feitas tanto pelos franceses quanto pelos britânicos (CORNWELL, 2015, *passim*). Talvez não seja absurdo considerar que a cavalaria pesada só tenha sido efetivamente abandonada com a criação do tanque de guerra no século XX. Finalmente, concordamos com Mark Honeywell (2006, p. 237) quando diz que:

A Cavalaria não entrou em declínio: ela meramente se transformou em relação a suas primeiras manifestações. Se houve um declínio da Cavalaria, ele somente ocorreu quando a comunidade da elite social renunciou à sua posição de elite militar, assim tornando os valores marciais da Cavalaria menos relevantes socialmente.

Portanto, com o desenvolvimento dos exércitos permanentes e a consolidação do poder real na França e na Inglaterra, o serviço ao monarca – seja civil, como conselheiro, magistrado ou administrador; seja militar, como oficial – converteu-se na principal atividade honrosa da aristocracia, mais do que a prática da guerra em si (SAUL, 2011, p. 358-359). É a partir do século XVI, com a dinastia Tudor na Inglaterra e com o ramo Angoulême da Casa de Valois na França, que o título de Cavaleiro torna-se uma honraria cada vez mais concedida a civis, por vezes de nascimento não-nobre. A Cavalaria continuou a ser rica em valor simbólico e era ativamente perseguida como forma de ascensão social, enquanto os torneios permaneceram em voga (Henrique VIII da Inglaterra e Francisco I da França foram grandes torneadores) (KEEN, 1984, p. 238). Philippe Contamine (1976, p. 284-285), em seu artigo pioneiro anteriormente mencionado, pondera que:

Se, incontestavelmente, uma certa Cavalaria morreu no final da Idade Média, encontrando sua expressão final, derrisória e patética, nos episódios bem conhecidos da vida de Dom Quixote, uma outra Cavalaria então surgiu, com seu duplo aspecto: primeiro como uma espécie de título nobiliárquico associado a certas famílias e análogo, embora inferior, ao de barão ou de conde [...], depois como uma condecoração distribuída por príncipes e soberanos com o intuito de recompensar méritos, sublinhar ou promover laços de fidelidade e companheirismo.

Mas a Cavalaria medieval, ligada como era à função guerreira da aristocracia, desaparece à medida em que aquela se esvai e esta se transforma em uma nobreza de corte. Contudo, acreditamos estar seguramente demonstrado que, no século XIV, isto estava longe de acontecer.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Fontes documentais

CLARAVAL, Bernardo de. **In praise of the new knighthood**. Trad. Conrad Greenia. 1996. Disponível em: <https://history.hanover.edu/courses/excerpts/344bern2.html>. Acesso em: 28 mar. 2021.

FROISSART, Jean. **Chronicles**. Trad. Geoffrey Brereton. Baltimore: Penguin Classics, 1968.

KAEUPER, Richard W. (ed.). **The book of chivalry of Geoffroi de Charny: text, context and translation**. Trad. Elspeth Kennedy. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1996.

### Bibliografia

AGUIAR, Miguel. **A ideologia cavaleiresca em Portugal no século XV**. 2016. 148 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Medievais) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2016.

ALLMAND, Christopher. **The Hundred Years War: England and France at war (c. 1300-c. 1450)**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

AYTON, Andrew. Arms, armour, and horses. *In*: KEEN, Maurice (ed.). **Medieval warfare: a history**. Oxford: Oxford University Press, 1999. p. 186-208.

BACHRACH, David S. **Warfare in tenth-century Germany**. Woodbridge: The Boydell Press, 2012.

BARBER, Richard; BARKER, Juliet. **Tournaments: jousts, chivalry and pageants in the middle ages**. Nova York: Weidenfeld & Nicolson, 1989.

BARKER, Juliet. **Agincourt**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

BARNIE, John. **War in medieval english society: social values and the Hundred Years' War, 1377-99**. Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1974.

BARTHÉLEMY, Dominique. **A cavalaria: da Germânia antiga à França do século XII**. Campinas: Unicamp, 2010.

BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal: do ano mil à conquista da América**. São Paulo: Globo, 2006.

BENNETT, Matthew. The myth of the military supremacy of knightly cavalry. *In*: FRANCE, John (ed.). **Medieval warfare, 1000-1300**. Abingdon: Routledge, 2016. p. 171-183.

BOULTON, D'Arcy J. D. **Knights of the crown: the monarchical orders of knighthood in later medieval Europe, 1325-1520**. Woodbridge: The Boydell Press, 1987.

CARDINI, Franco. The warrior and the knight. *In*: LE GOFF, Jacques. **The medieval world**. Londres: Parkgate Books, 1997. p. 74-111.

CARDINI, Franco. Guerra e cruzada. *In*: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. (coord.) **Dicionário analítico do Ocidente medieval**. São Paulo: Editora Unesp, 2017. 2 v. v. 1, p. 529-545

CONTAMINE, Philippe. Points de vue sur la chevalerie en France a la fin du moyen age. **Francia**, v. 4, Paris, p. 255-285, 1976.

CONTAMINE, Philippe. **War in the middle ages**. Nova York: Barnes & Noble, 1998.

CORNWELL, Bernard. **Waterloo: a história de quatro dias, três exércitos e três batalhas**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

DUBY, Georges. **Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo**. 1 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FLORI, Jean. **A cavalaria**. São Paulo: Madras, 2005.

FLORI, Jean. Cavalaria. *In*: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. (coord.) **Dicionário analítico do Ocidente medieval**. São Paulo: Editora Unesp, 2017. 2 v. v. 1. p. 210-226.

GARCÍA FITZ, Francisco. **Ejércitos y actividades guerreras en la edad media europea**. Madri: Arco Libros, 1998.

GIROUARD, Mark. **The return to Camelot: chivalry and the english gentleman**. New Haven: Yale University Press, 1981.

HONEYWELL, Mark L. **Chivalry as community and culture: the military elite of late thirteenth- and fourteenth-century England**. 2006. 385 f. Tese (Doutorado em História) – Centro de Estudos Medievais, Universidade de York, York, 2006.

HUIZINGA, Johan. The political and military significance of chivalric ideas in the late middle ages. *In*: **Men and ideas: history, the middle ages, the renaissance**. Princeton: Princeton University Press, 1959. p. 196-206.

KAEUPER, Richard W. **Chivalry and violence in medieval Europe**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

KEEN, Maurice. **Chivalry**. New Haven: Yale University Press, 1984.

KEEN, Maurice. **England in the later middle ages**. Londres: Routledge, 1990.

KEEN, Maurice. The changing scene: guns, gunpowder, and permanent armies. *In*: KEEN, Maurice (ed.). **Medieval warfare: a history**. Oxford: Oxford University Press, 1999. p. 273-291.

KILGOUR, Raymond. **The decline of chivalry as shown in the french literature of the middle ages**. Cambridge: Harvard University Press, 1937.

LE GOFF, Jacques. **Heróis e maravilhas da idade média**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

NICHOLSON, Helen. **Medieval warfare: theory and practice of war in Europe, 300-1500**. Nova York: Palgrave MacMillan, 2004.

OMAN, Charles. **The art of war in the middle ages**. Oxford: B. H. Blackwell, 1885.

PARKER, Geoffrey. **The military revolution: military innovation and the rise of the West, 1500-1800**. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

PARROTT, David. **The business of war: military enterprise and military revolution in early modern Europe**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

ROBERTS, Michael. The military revolution, 1560-1660. *In*: ROBERTS, Michael. **Essays in swedish history**. Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1967. p. 195-225.

ROGERS, Clifford J. The military revolutions of the Hundred Years' War. **The Journal of Military History**, Lexington, v. 57, n. 2 p. 241-278, 1993.

SAUL, Nigel. **The three Richards: Richard I, Richard II and Richard III**. Londres: Hambledon Continuum, 2008.

SAUL, Nigel. **Chivalry in medieval England**. Cambridge: Harvard University Press, 2011.

SUMPTION, Jonathan. **The Hundred Years War 2: trial by fire**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1999.

TAYLOR, Craig. English writings on chivalry and warfare during the Hundred Years War. *In*: CROSS, Peter; TYERMAN, Christopher (ed.). **Soldiers, nobles and gentleman: essays in honour of Maurice Keen**. Woodbridge: The Boydell Press, 2009. p. 64-84.

VALE, Malcolm. **War and chivalry: warfare and aristocratic culture in England, France, and Burgundy at the end of the middle ages**. Londres: Duckworth, 1981.

Artigo recebido em 29/03/2021 e  
aprovado para publicação em 01/02/2022